



## A NOVA CONFIGURAÇÃO ESPACIAL DO CARNAVAL DE MARAGOGIPE APÓS O REGISTRO COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL DA BAHIA

Erick Gomes Conceição<sup>1</sup>

Dr. Janio Roque Barros de Castro<sup>2</sup>

**Resumo:** O carnaval no Brasil teve seu início com o entrudo, que eram brincadeiras violentas em que o cenário festivo se assemelhava a uma guerra de água, urina, limão, farinha e afins. Este tipo de festividade foi proibido e as diferentes regiões foram incorporando costumes específicos nos jeitos de brincar, como por exemplo, no Rio de Janeiro tem-se o carnaval das escolas de samba e o carnaval popular de rua. Em Salvador observa-se a presença dos trios elétricos e em Recife e Olinda, nota-se que o carnaval se caracteriza pelo frevo. Os carnavais se enquadram na categoria de patrimônio imaterial, por serem uma celebração festiva. Categoria esta que não teve atenção nos últimos tempos, pois as políticas públicas só se direcionavam para a categoria material. Com o intuito de valorização e identificação das manifestações culturais, o IPHAN<sup>3</sup> cria o instituto de registro de bens culturais sendo regido pelo Decreto 3.551/2000. O carnaval de Maragogipe foi registrado como patrimônio imaterial da Bahia no ano de 2009 por sua peculiaridade na forma de realização, pois diferentemente da capital soteropolitana o carnaval da referida cidade se caracteriza pela presença de mascarados e marchinhas de carnavais antigos. Diante disso, este trabalho tem o objetivo de identificar a contribuição desse registro para a modificação na espacialidade da festa. Para melhor obter resultados, alguns caminhos metodológicos foram adotados. A leitura de autores clássicos e contemporâneos como Gonçalves (2003), Maia (1999), Hasbaert (2012), Sebe (1986), Hall (2006), entre outros. Na etapa de campo foi feito entrevistas com seis moradores locais, o critério de escolha foi à importância histórica que os mesmos detêm para a festividade e participantes ativos. Como a pesquisa é qualitativa não foi necessário um número amostral grande. A observação da festividade foi muito importante, pois foi possível observar a dinâmica que a mesma detém e foi possível construir um acervo fotográfico, que enriqueceram a discussão. Observou-se que o registro do carnaval como patrimônio imaterial da Bahia, ocasionou modificações estruturais para a festa. A instalação de barracas de bebidas e alimentos, palcos para *shows* e coretos para bandas tradicionais, ocasionou um processo de reconfiguração espacial da festa. O carnaval de Maragogipe está se realizando cada vez mais nas áreas centrais da cidade para atender as necessidades do capital.

**Palavras-Chave:** Carnaval. Patrimônio Imaterial. Consumo. Centralidade.

<sup>1</sup> Graduando em licenciatura plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia- Campus V, e-mail: gomesrms@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia- Campus V, e-mail: janiocastro@bol.com

<sup>3</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**Resumen :** El Carnaval en Brasil comenzó con el Entrudo, que eran los juegos violentos, se encontraban en la escena festiva parecía una guerra de agua, la orina , el limón , la harina y similares. Los tipos de festival fue prohibido y las diferentes regiones fueron incorporando costumbres específicas en las formas de jugar , por ejemplo, en Río de Janeiro el Carnaval de la escuela de samba y el carnaval de la calle popular. En Salvador miran la presencia de los tríos eléctricos y Recife y Olinda , mira que el carnaval es caracterizado por el frevo . Carnavales caen en la categoría de patrimonio inmaterial , al ser una celebración festiva . Esta categoría, que no tenía la atención en los últimos tiempos debido a las políticas públicas sólo direccionaban para la categoría de los patrimonios material. En función de la recuperación e identificación de los bienes culturales , el IPHAN crea el registro del instituto cultural que se rige por el Decreto 3.551/2000. El Carnaval de la ciudad de Maragogipe fue registrado como patrimonio inmaterial de la Baía en dos mil nueve por su peculiaridad en la forma de logro, porque se diferencia del carnaval de la capital Salvador. El carnaval de Maragogipe tiene la característica por la presencia de carnavales de los mascarados y marchas de antaño. Por lo tanto , este estudio tiene como objetivo identificar la contribución que el registro tiene para el cambio de la espacialidad de la fiesta. Para obtener mejores resultados, se adoptaron algunas aproximaciones metodológicas. La lectura de autores clásicos y contemporáneos como Gonçalves ( 2003 ) , Maia ( 1999 ) , Haesbaert ( 2012 ) Sebe ( 1986 ) , Hall ( 2006 ), entre otros . En la fase de campo se llevó a cabo seis entrevistas con los residentes locales , el criterio de selección fue la importancia histórica que los mismos tienen para fiesta y participaciones activas. Como la investigación es cualitativa no necesita una muestra de gran tamaño . La observación de la fiesta fue muy importante, ya que fue posible observar la dinámica de la fiesta y fue posible construir un archivo fotográfico , lo que enriquece el debate. Se observó que el registro del carnaval como patrimonio inmaterial de la Baía, ha causado cambios estructurales en la fiesta. La instalación de puestos de venta de alimentos y bebidas , escenarios para conciertos y gazebos para bandas tradicionales , lideró un proceso de reconfiguración espacial de la fiesta. El carnaval se lleva a cabo Maragogipe zonas cada vez más céntricas de la ciudad para satisfacer las necesidades del capital.

**Palabras Clave:** Carnaval. Patrimonio Inmaterial . Consumo . Centralización .

## INTRODUÇÃO

O carnaval no Brasil teve seu início com o entrudo, que eram brincadeiras violentas em que o cenário festivo se assemelhava a uma guerra de água, urina, limão, farinha e afins. Este tipo de festividade foi proibido e as diferentes regiões foram incorporando costumes específicos nos jeitos de brincar, como por exemplo, no Rio de Janeiro tem-se o carnaval das escolas de samba e o carnaval popular de rua. Em Salvador observa-se a presença dos trios elétricos e em Recife e Olinda, nota-se que o carnaval se caracteriza pelo frevo.

Os carnavais se enquadram na categoria de patrimônio imaterial, por serem uma celebração festiva. Categoria esta que não teve atenção nos últimos tempos, pois as políticas públicas só se direcionavam para a categoria material. Com o intuito de valorização e identificação das manifestações culturais, o IPHAN<sup>4</sup> cria o instituto de registro de bens culturais sendo regido pelo Decreto 3.551/2000.

O carnaval de Maragogipe foi registrado como patrimônio imaterial da Bahia no ano de 2009. Diante disso, este trabalho se justifica, pois se propõe a identificar a contribuição desse registro para a modificação na espacialidade da festa.

Para melhor obter resultados, alguns caminhos metodológicos foram adotados. A leitura de autores clássicos e contemporâneos como Gonçalves (2003), Maia (1999), Hasbaert (2012), Sebe (1986), Hall (2006), entre outros. Na etapa de campo foi feito entrevistas com seis moradores locais, o critério de escolha foi à importância histórica que os mesmos detêm para a festividade e participantes ativos. Como a pesquisa é qualitativa não foi necessário um número amostral grande. A observação da festividade foi muito importante, pois foi possível observar a dinâmica que a mesma detém e foi possível construir um acervo fotográfico, que enriqueceram a discussão.

Observou-se que o registro do carnaval como patrimônio imaterial da Bahia, ocasionou modificações estruturais para a festa. A instalação de barracas de bebidas e alimentos, palcos para *shows* e coretos para bandas tradicionais, ocasionou um processo de reconfiguração espacial da festa. O carnaval de Maragogipe está se realizando cada vez mais nas áreas centrais da cidade para atender as necessidades do capital.

---

<sup>4</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

## **CARNAVAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

O que é carnaval? Para que serve o carnaval? Dissertar sobre carnaval é perpassar por diversos contextos históricos e territórios, transitar nas festas greco-romanas, antigo Egito e afins, tentar periodizar a festividade é um tanto quanto equivocado pois as festividades que aconteciam em outros grupos culturais não necessariamente é a gênese da festa carnavalesca tal qual concebemos atualmente, mas possa ser que seja uma manifestação que tenha influenciado na formação do carnaval da atualidade.

O carnaval ou os carnavais, tendo em vista as mais variadas representações que esta festividade tem no espaço, é uma das festas populares mais importantes que se tem registro atualmente. Ela vem constantemente se reinventando de acordo com as dinâmicas globais.

O carnaval brasileiro teve origem nos carnavais ibéricos, indígenas e africanos. Diante disso, pode-se concluir que a festa carnavalesca do Brasil é “híbrida”. Considerando Hibridismo segundo a concepção de Hasbaert, (2012).

Para exemplificar hibridismo das identidades sociais num contexto (pós) colonial culturalmente tão rico e nuançando como o latino-americano, não é apenas um instrumento de ruptura com a “unidade” cultural do colonizador, desterritorializando tanto grupos hegemônicos (num nível mais atenuado) quanto subalternos (num nível muito mais violento), mas representa também uma forma de resistência/reterritorialização às vezes bastante rica, recriando, pela mistura, novas formas de construção indenitário-territorial (p. 31).

A festividade carnavalesca no Brasil é resultado de ações de vários agentes sociais. Esta “mistura” fez com que surgisse um carnaval diferenciado e que juntasse elementos destes grupos culturais em uma festividade só. Como por exemplo, o carnaval de Maragogipe em que pode-se presenciar mascarados ao estilo Veneziano tocando Agôgôs<sup>5</sup>, este talvez seja um retrato muito claro deste hibridismo do carnaval brasileiro.

O carnaval do Brasil colonial era representado pelo Entrudo. Essa manifestação se caracterizava por ser um tanto quanto violenta, as ruas se tornavam um verdadeiro espaço de guerra. Os brincantes arremessavam uns nos outros objetos diversificados como: ovos, urina, talco, limões, verduras. Com o passar dos tempos, essa prática foi sendo coibida pelo poder público, com relação a essa proibição Sebe (1989) contribui quando ele diz que:

---

<sup>5</sup> Instrumentos de percussão de origem africana, muito utilizados nos rituais de candomblé.

No Rio, ainda que não unanimemente, fica estabelecido a data de 1853 como uma espécie de momento de definição nacional da festa momística. A “certidão de batismo” do carnaval, em regra, é considerada a portaria baixada pelo chefe de polícia do Rio de Janeiro proibindo o entrudo pelas suas repercussões agressivas (p.55).

A partir dessa modificação estrutural no carnaval brasileiro, a festa vai se reinventando, adquirindo assim novas formas e sentidos para os brincantes. Mas é importante frisar que o entrudo continuou a acontecer, mesmo com as proibições. É nesse contexto que os primeiros bailes de máscaras vão surgir, primeiramente no Rio de Janeiro. O carnaval de salão agrada a burguesia do país, que passa a frequentar a festa nos lugares fechados, acompanhados sempre com máscaras oriundas dos carnavais europeus, como por exemplo, os carnavais da França e Itália, e a massa trabalhadora vão frequentar os carnavais de rua, ou os bailes populares. Tem-se então, uma segregação socioespacial.

Em meados do século XX o carnaval dos salões começa a se enfraquecer e as festas carnavalescas de rua, ganham destaque e vão se fortalecendo. A partir desse momento os carnavais de algumas cidades como Salvador, Recife, Olinda e o Rio de Janeiro, começam a adquirir suas especificidades. O carnaval da capital baiana se caracteriza principalmente pelos trios elétricos que arrastam multidões ao som do axé e pagode. Divididos nos circuitos Dodô e Osmar, Dodô corresponde aos bairros de Barra e Ondina e Osmar os bairros do Campo Grande e Praça Castro Alves. O carnaval carioca é caracterizado pelo carnaval popular de rua e das escolas de samba, esses desfiles ocorrem no sambódromo localizado na Av. Marquês de Sapucaí no bairro Santo Cristo. Os carnavais de Recife e Olinda se caracterizam pelo ritmo do frevo, que são músicas instrumentais tocadas rapidamente, sendo dançadas com um guarda-chuva com tamanho reduzido e bem colorido.

Os carnavais são festividades de extrema importância para a manutenção da cultura popular. O carnaval de Maragogipe é uma das festas mais importantes da Bahia, diante disso no ano de 2009 o IPAC registrou esta festividade como sendo patrimônio imaterial da Bahia, estando nos livros de registro três que corresponde às celebrações festivas. Sobre o conceito de patrimônio imaterial será discutido no próximo capítulo.

## **PATRIMÔNIO CULTURAL: UM ENFOQUE PARA O IMATERIAL**

Este sub-capítulo do trabalho se debruça a discutir o conceito de Patrimônio Cultural, dando enfoque a sua vertente Imaterial, já que o Carnaval de Maragogipe, objeto de estudo desse trabalho foi registrado em tal categoria no ano de 2009. Procura-se entender algumas questões históricas sobre o transcurso histórico deste conceito e como ele é aplicado atualmente. É importante deixar evidente que não é de intenção engessar ou esgotar esta discussão, mas fazer algumas reflexões.

Não é de intenção desconsiderar o caráter processual da história, mas a primeira vez que utilizou-se o termo patrimônio foi na França, no auge da Revolução Burguesa do século XIX, como medida de reduzir a depredação das edificações e objetos de valor histórico que tinham na cidade. Parte daí uma ideia um tanto quanto equivocada, por muito tempo só se considerou as edificações e bens concretos como sendo patrimônio cultural. Como bem coloca Sant'Ana (2003):

No mundo ocidental, portanto, o patrimônio, durante muito tempo, foi associado unicamente a coisas corpóreas, já a preservação, a uma prática constituída de operações voltadas para a seleção, proteção, guarda e conservação dessas coisas (p.48).

Diante dessa concepção francesa a concepção de patrimônio no referido país e nos demais países do mundo serão baseados dentro dos parâmetros da França, que só considera patrimônio cultural como sendo as edificações e objetos de valores históricos. Referente a essa questão o professor Castriota (2009) completa:

De fato, inicialmente, concebia-se o patrimônio arquitetônico como uma espécie de “coleção de objetos”, identificados e catalogados por peritos como representantes significativos da arquitetura do passado e, como tal, dignos de preservação, passando os critérios adotados aqui normalmente pelo caráter de excepcional idade da edificação, à qual se atribuía valor histórico e/ou estético. (CASTRIOTA, 2009, p.84).



Esta concepção começa a se flexibilizar mediante a um questionamento e iniciativa não de países europeus e ocidentais, mas do Japão. No período do pós-guerra o país estava se reconstruindo, sua economia, suas cidades e necessitava resgatar a identidade cultural do seu povo, os japoneses necessitavam se sentir pertencentes a esta nação para continuarem lutando por dias melhores. Diante disso o Japão começa um trabalho de preservação e de incentivo a realização das manifestações culturais como forma de reafirmação identitária, a intenção era unir os japoneses pelo viés da identidade cultural.

O oriente, mas precisamente o Japão foi o país que primeiramente chamou a atenção para a valorização das manifestações culturais, segundo Sant'anna (2003):

Essa nova percepção não surgiu, contudo, de uma reflexão europeia e ocidental, mas da prática de preservação oriunda de países asiáticos e do chamado Terceiro Mundo, cujo patrimônio, em grande parte, é construído de criações populares anônimas (p.49).

A partir daí, o ocidente começa a discutir o que seria o patrimônio imaterial, através da UNESCO<sup>6</sup>. Que organizou a Convenção do Patrimônio Mundial, Natural e Cultural em 1972. A discussão sobre a flexibilização do conceito de patrimônio cultural vai ser aceita, resultando em um documento que o divide em imaterial e material, referente a isso Gonçalves (2003) diz que:

Recentemente, construiu-se uma nova qualificação: o “patrimônio imaterial” ou “intangível”. Opondo-se ao chamado “patrimônio *de pedra e cal*”, aquela concepção visa a aspectos da vida social e cultural dificilmente abrangidos pelas concepções mais tradicionais (p.24).

A Conferência de 1972 foi um grande avanço nas discussões sobre esta temática, mas da reunião até as políticas públicas incisivas nessa nova categoria, é um longo processo, mas o campo ainda está muito abrangente, o que de fato seria este patrimônio imaterial? Como se dará esta preservação? Gonçalves (2003) nos responde com muita propriedade estas questões, quando ele afirma que:

---

<sup>6</sup> Organismo das Nações Unidas especializado em Cultura, Educação e Ciência.

Nessa nova categoria estão lugares, festas, religiões, formas de medicina popular, música, dança, culinária, técnicas etc. Como sugere o próprio termo, a ênfase recai menos nos aspectos materiais e mais nos aspectos ideais e valorativos dessas formas de vida. Diferentemente das concepções tradicionais, não se propõe o tombamento dos bens listados nesse patrimônio. A proposta é no sentido de “registrar” essas práticas e representações e de fazer um acompanhamento para verificar sua permanência e suas transformações (p.24).

No Brasil a constituição de 1988 foi bastante influenciada pelas concepções do poeta Mario de Andrade, que em 1936 considerava o patrimônio imaterial, como sendo os contos, lendas, e manifestações de cultura popular. Diante disso a constituição de 1988 no artigo 216 considera como patrimônio imaterial:

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I. as formas de expressões;
- II. os modos de criar e fazer viver;
- III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas-culturais;
- V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL,1988).

As discussões já estão mais amadurecidas e as definições de patrimônio imaterial estão mais consistentes e as políticas públicas em prol desta categoria, vão sendo aplicada cada vez com mais frequência. Para melhor gerir esta questão o IPHAN<sup>7</sup> cria o livro de registros sendo regido pelo Decreto 3.551/2000 que divide os bens imateriais em quatro, são eles:

- 1) Saberes: conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
- 2) Formas de expressão: manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;
- 3) Celebrações: rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
- 4) Lugares: mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas (BRASIL,2000).

---

<sup>7</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.



Diferentemente do patrimônio material que é tombado, o processo de preservação do bem imaterial se dá através do registro. Segundo o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) (2006), o registro é:

...corresponde à identificação e à produção de conhecimento sobre o bem cultural. Isso significa documentar, pelos meios técnicos mais adequados, o passado e o presente da manifestação e suas diferentes versões, tornando essas informações amplamente acessíveis ao público- mediante a utilização dos recursos proporcionados pelas novas tecnologias de informação. (IPHAN, 2006, p.22).

Essa subdivisão é um grande avanço para os direcionamentos das políticas públicas. Mas qual será o real sentido de se registrar um patrimônio imaterial? Qual a intenção do poder público com esse registro? Sobre a importância do registro Pelegrini e Funari (2008) dizem que:

Dessa maneira, os cidadãos envolvidos vão se sentir valorizados por meio dos ofícios artesanais, das receitas culinárias, das bebidas medicinais e dos saberes de suas comunidades e, com certeza, serão motivados a transmitir esses conhecimentos às próximas gerações (p.103).

De certa forma o processo de registro de um bem imaterial, irá ocasionar em uma valorização do bem registrado, tanto por parte dos moradores locais quanto dos visitantes e turistas que irão conhecer essa manifestação cultural. Mas precisamos refletir que o processo de registro não implica que as tradições serão transmitidas, pois diante da dinamicidade do mundo contemporâneo, nada assegura que as novas gerações se identifiquem e queiram perpetuar o bem registrado.

Outra faceta que pode estar implícita neste registro é o caráter de mercantilização da cultura. O registro pode ser apenas um título, um rótulo e o intuito da preservação do patrimônio imaterial pode ter a primeira intenção de colocar a manifestação em outro patamar, criando uma hierarquia e em consequência desenvolver um *marketing*, encima desse título, referente a isso Castriota (2009) afirma que:

...essa democratização do campo do patrimônio acontece simultaneamente à sua transformação em mercadoria, inserindo-se na lógica da indústria

cultural: os bens culturais, além de propiciarem “saber e prazer” passam agora a ser também “produtos culturais”, “empacotados e distribuídos para serem consumidos (p.104).

O professor Castriota traz uma discussão muito interessante e que precisa ser pensada com cuidado. Diante da afirmação dele, pode-se dizer que o registro em patrimônio imaterial é um “selo de qualidade”, que atesta o potencial cultural/econômico de um patrimônio cultural, logo ele é rentável e investimentos nesta manifestação é um ótimo negócio.

Uma das consequências do processo de registro do carnaval de Maragogipe foi a valorização do centro urbano da cidade, pois no referido espaço há uma grande transformação para atender as necessidades do novo mercado da indústria cultural, ou seja, no centro da cidade foi criado um espaço de consumo para os turistas e visitantes, essas questões serão discutidas no próximo capítulo.

## **A VALORIZAÇÃO DO CENTRO DA CIDADE NO PERÍODO FESTIVO APÓS O REGISTRO EM PATRIMÔNIO IMATERIAL DA BAHIA**

No tocante ao início da festividade carnavalesca do município, os estudiosos e historiadores locais como Zevaldo Souza e professor Benedito, e algumas fontes jornalísticas atestam que a festividade tenha se iniciado a partir do século XIX. Diferentemente do carnaval da capital baiana a festa carnavalesca de Maragogipe não tem como marco maior a presença dos trios elétricos e blocos, mas sim os mascarados que são chamados de “caretas” e a presença das marchinhas dos carnavais antigos das décadas de quarenta, cinquenta, sessenta do século passado.

O carnaval da cidade era realizado nas ruas, quem brincava a festa eram pessoas que não tinham um poder aquisitivo elevado. Os brincantes utilizavam o próprio recurso natural que o município dispõe para ir festejar, as pessoas se sujavam com a lama do mangue e saíam brincando pelas ruas.

Influenciado pelos carnavais europeus, a partir do século XX a nova burguesia da cidade deseja brincar o carnaval, e para não estar no mesmo espaço que a população mais pobre, o carnaval dos bailes fechados ganha destaque na cidade, como afirma o entrevistado I:

Aqui em Maragogipe é o seguinte, com a implantação da indústria do fumo, aí nós tínhamos uma separação social muito grande, o que era

operário e o que era capitalista então a sociedade maragogipana, fazia essa separação e essa separação chegou até a excluir nessa parte da festa, porque os alemães, por exemplo, criaram a rádio clube, que era um clube para eles jogarem boliche, depois terminou sendo um local pra eles brincarem o carnaval.( Entrevistado I- Homem- 72 anos).

A partir daí o carnaval de Maragogipe se torna uma festa segregada socioespacialmente, a inserção do salão representa a divisão de classes na festividade local, logo pode-se concluir que aspectos do cotidiano não são esquecidos com a festividade carnavalesca.

Com a inserção do trio elétrico em meados do século XX, o carnaval da cidade se modifica na forma de brincar e na sua espacialidade. Os bailes vão entrar em decadência e a burguesia vai às ruas brincar. Mas os burgueses estão escondidos por traz das máscaras carnavalescas, vestidos de careta era quase impossível reconhecer quem estar por dentro da fantasia.

O brincante do carnaval da cidade, espera a festividade o ano todo, como bem coloca o professor Carlos Maia (1999), que a festa é um momento esperado, a fala do entrevistado III contempla muito bem esta ansiedade pela espera da realização da festividade, quando ele diz que:

O carnaval de Maragogipe para mim em palavras é muito difícil de tentar explicar, por que o carnaval de Maragogipe você tem que viver, você tem que está aqui, sentir aquela expectativa toda que a gente cria durante quase que o ano todo em reuniões, principalmente meu grupo no caso, reuniões para ver que tipo de fantasias vai criar, como vai ser esses detalhes pequeno e aquela expectativa que vai chegando, a ansiedade que é natural.( Entrevistado III- Homem-54 anos).

Na fala do entrevistado fica explícito que para descrever o carnaval da cidade palavras não contemplam e sim a experiência de estar vivendo o momento da festividade, de sentir o carnaval, de brincar, pular, só assim poderá definir a festa. As palavras faltaram a ele por que a emoção toma conta, o mesmo deixou claro que o carnaval não está presente só nos três dias de comemoração da festa, o ato de planejar e discutir a fantasia já é carnaval para ele, na medida em que a festividade vai se aproximando a ansiedade toma conta, pois nenhum carnaval é igual ao outro e novas surpresas acontecem com o passar das festividades.

Diante da sua importância cultural o IPAC registrou o carnaval de Maragogipe como patrimônio imaterial da Bahia, no ano de 2009. A festa se enquadra no livro de registros três que abrange as celebrações. Diante disso, houve modificações estruturais na festividade, e dentre elas percebe-se uma maior valorização do centro urbano, compreendendo a Praça Matriz, Rua Coronel Felipe Melo, Rua do Areal e Caijá, todas estas surgindo como circuito do carnaval de Maragogipe.

Após o registro em patrimônio imaterial da Bahia, o carnaval de Maragogipe passou a ter uma maior divulgação para ser inserido na lógica do mercado da indústria cultural. A cidade passou por algumas modificações, desde a construção de um grande hotel até o que os gestores locais chamam de “profissionalização do carnaval”. Eles querem dizer com esse termo nada mais é do que preparar o carnaval para o mercado do turismo cultural.

Padroniza-se a festa, organiza-se os vendedores ambulantes e modificam a espacialização festiva, dando enfoque à área central da cidade. Criou-se assim um ambiente que atrai o visitante e o turista. Primeiramente passou-se a utilizar um palco estático ao fundo da igreja Matriz de São Bartolomeu, como forma de disponibilizar mais atrações musicais no período carnavalesco, pois precisava-se atender a uma demanda de visitantes e turistas e assim dar à festa um caráter espetacularizado e satisfazer o novo público.

**Figura 01:** Palco montado ao fundo da igreja Matriz.



**Fonte:** Conceição, 2012.

**Figura 02:** Carnaval sem o palco.



**Fonte:** Chiquinho 2002.



Percebe-se também na festividade, a criação de um espaço de consumo. Houve um ordenamento dos ambulantes e camelôs que comercializam comidas e bebidas na festa. Tudo com o intuito de facilitar o consumo e assim dinamizar o fluxo de capital gerado no período do carnaval.

Eu vendo bebidas aqui na festa e da muito dinheiro, tem várias barracas aqui tudo uma do lado da outra, não tem briga por que tem muita gente que vem comprar, os turistas compram, bebe e fica por aqui mesmo, nem precisa sair daqui, tem um palcozinho ali e ainda tem a outra praça do coreto, ele fica por aqui e curte o carnaval na tranquilidade. (Entrevistado VI- Homem- 45 anos).

Diante da fala do entrevistado VI, percebe-se que houve a criação de um verdadeiro circuito de consumo para o turista, e como ele bem falou, eles nem precisam sair do centro para curtir o carnaval. Esse fato acarretou em várias mudanças na forma de se brincar a festa de Maragogipe.

**Figura 03:** Espaço de consumo na Praça Conselheiro Antônio Rebouças.



**Fonte:** Conceição 2013

Pode-se observar que a fala do entrevistado seis e a imagem acima contemplam muito bem referente a questão da criação do espaço de consumo criado no carnaval de Maragogipe,

diversas barracas montadas temporariamente para oferecer bebidas e comidas aos visitantes que podem ao mesmo tempo observar a festividade. Nota-se também uma padronização das barracas em função da venda de uma marca de cerveja, que patrocina a festividade, é de total interesse dela que a festa se mantenha centralizada para que o consume seja maior e consequentemente o retorno de investimento no patrocínio da festividade seja conseguido.

Os próprios mascarados que em tempos mais remotos percorriam quase todas as ruas da cidade, agora se resumem a percorrer apenas as ruas com maiores movimentos de turistas e visitantes, pois o interessante agora é exibir a sua fantasia para o outro, ser fotografado e deixar a boa impressão para o turista e visitante.

O carnaval antes era de todo mundo, o velho mesmo sabia que iria passar um careta na sua porta abusando dele e hoje em dia se você não for na praça você não vê o carnaval”.( Entrevistado V- Homem- 54 anos).

O entrevistado V coloca muito bem a questão da nova espacialização do carnaval de Maragogipe, quem está em constante modificação com o passar dos anos. Uma festa que antigamente ia até o brincante, na atualidade já não se comporta mais assim, há uma intensa concentração dos mascarados em locais onde existe uma maior quantidade de turistas e visitantes, que é justamente a Praça Matriz e Antônio Rebouças. Lá existem diversos bares e barracas de bebidas e comidas. A presença do palco e do coreto artificial que é montado no período carnavalesco com atrações durante toda a tarde e noite, tendo como principal atração as marchinhas dos carnavais antigos das décadas de quarenta, cinquenta e sessenta do século passado também foram fortes contribuintes para a nova configuração espacial da festividade carnavalesca de Maragogipe, estas foram implantadas um pouco antes do registro, mas após este título elas foram bastante fomentadas. A musicalidade e harmonia presente nestes espaços funcionam como verdadeiros “íman” de brincantes e mascarados, pois lá é o ponto de encontro e a oportunidade de socialização com visitantes e turistas e demais mascarados, até a própria ornamentação da praça são atrativos, pois realmente fazem com que os brincantes sintam-se no carnaval.



**Figura 04:** Coreto artificial montado no período do carnaval com atrações musicais.



**Fonte:** Conceição, 2013.

Com esta nova configuração as demais ruas da cidade não emitem este clima de carnaval como as praças Matriz e Conselheiro Antonio Rebouças que estão com uma grande quantidade de brincantes e mascarados, som e enfeites carnavalescos. As demais ruas em muitos momentos deixam transparecer que nenhuma festividade está acontecendo na cidade só em alguns períodos de trânsito de mascarados por elas que já não são tão mais constantes como em outrora.

**Figura 05:** Rua Nova Aurora no carnaval.



**Fonte:** Conceição, 2013.

Diante das questões expostas, pode-se perceber que com as modificações ocorridas em função do registro em patrimônio imaterial, o carnaval de Maragogipe vem se reconfigurando a cada ano que passa, cada vez mais ficando concentrado nas áreas centrais da cidade. Tudo isso para atender as necessidades do capitalismo, que está transformando a festividade em uma arena de consumo, restringindo assim cada vez mais seu acontecimento nas áreas onde este consumo é possibilitado.

## **REFLEXÕES FINAIS**

No presente trabalho, identificou-se que após o registro em patrimônio imaterial da Bahia, o carnaval de Maragogipe vem passando por intensas mudanças estruturais. Dentre elas destacam-se a nova configuração espacial da festa causada pela criação de um espaço de consumo para os turistas e visitantes da festa. Uma festividade que antes acontecia em todas as ruas da cidade, a cada ano que passa está se restringindo cada vez mais as áreas centrais de Maragogipe para atender a demanda do consumo.

Deve-se pensar de forma crítica diante desse registro ocorrido na festividade de Maragogipe, até que ponto este registro foi importante para o carnaval local? O processo de massificação do turismo cultural irá descaracterizar a festividade carnavalesca local? Será que esse processo causará um “estranhamento” da população de Maragogipe para com a festividade? O processo de registro é uma forma de segregar as festas que tem potencial turístico e as que não têm? Essas questões são relativamente recentes e precisam de um estudo mais intenso para ser respondidas.

## REFERÊNCIAS

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos**- Belo Horizonte: IEDS, 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **O Patrimônio como categoria de pensamento**. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.) *Memória e Patrimônio. Ensaio contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 46-55.

HASBAERT, Rogério. **Hibridismo Cultural, “ antropofagia” identitária e transterritorialidade**. In: BARTHE-DELOIZY, Francine. SERPA, Angelo Szaniecki Perret. *Visões do Brasil Estudos culturais em Geografia*. Salvador: EDUFBA. 2012. P.27-46.

IPHAN. **Resolução nº001, de 3 de Agosto de 2006**.  
<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1383> acessado em 17/05/2013 às 23:22.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. **Ensaio Interpretativo da Dimensão Espacial das Festas Populares Proposições sobre Festas Brasileiras**. In: ROSENDAHL, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato. *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. P.191-218.

PELEGRINI, Sandra, FUNARI, Pedro Paulo. **O que é patrimônio cultural imaterial?**- São Paulo. Brasiliense. 2008.

SANT'ANNA, Marcia. **A face imaterial do patrimônio cultural os novos instrumentos de reconhecimento e valorização**. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.) *Memória e Patrimônio. Ensaio contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 46-55.

SEBE, José Carlos. **Carnaval, Carnavais**. São Paulo. Ática, 1986.